Capítulo 12

O Trabalho Pedagógico com Estudante com Transtorno do Espectro Autista Nível de Suporte 2: Desafios, Estratégias e Possibilidades de Inclusão Escolar

Pedagogical Work with a Student with Autism Spectrum Disorder, Support Level 2: Challenges, Strategies, and Possibilities for School Inclusion

Marcos Mazzetto

Resumo: A inclusão de estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA) no ensino regular constitui um desafio para as escolas, especialmente quando o estudante apresenta necessidades significativas de apoio e manifestações comportamentais que podem interferir em sua participação nas atividades pedagógicas. Este estudo tem como objetivo analisar os desafios e as estratégias pedagógicas utilizadas no acompanhamento de um estudante com TEA nível de suporte 2, buscando compreender possibilidades que favoreçam sua aprendizagem, participação e inclusão no ambiente escolar. A pesquisa caracteriza-se como qualitativa, de natureza descritiva, desenvolvida a partir de estudo de caso e relato de experiência pedagógica. Foram consideradas observações do cotidiano escolar, registros pedagógicos, planejamento das atividades e acompanhamento das respostas do estudante às diferentes estratégias utilizadas. A análise evidencia a importância da organização da rotina, da antecipação das atividades, da adaptação dos recursos pedagógicos, da comunicação objetiva, da mediação individualizada e da articulação entre os profissionais da escola e a família. Observa-se que os comportamentos desafiadores não devem ser compreendidos isoladamente ou apenas como problemas disciplinares, mas considerados dentro de seu contexto e de suas necessidades de comunicação, interação, regulação e aprendizagem. Conclui-se que uma prática pedagógica inclusiva requer planejamento individualizado, flexibilidade, formação profissional e trabalho colaborativo, tendo como finalidade garantir não apenas a presença do estudante na escola, mas também sua participação, aprendizagem e desenvolvimento.

Palavras-chave: educação inclusiva; transtorno do espectro autista; práticas pedagógicas; inclusão escolar; aprendizagem.

Abstract: The inclusion of students with Autism Spectrum Disorder (ASD) in mainstream education represents a challenge for schools, particularly when students have significant support needs and behavioral manifestations that may interfere with their participation in educational activities. This study aims to analyze the challenges and pedagogical strategies used in supporting a student with ASD, Support Level 2, seeking to understand possibilities that promote learning, participation, and inclusion in the school environment. The research is characterized as qualitative and descriptive in nature, based on a case study and a report of pedagogical experience. Observations of daily school activities, pedagogical records, activity planning, and monitoring of the student's responses to the different strategies employed were considered. The analysis highlights the importance of routine organization, activity anticipation, adaptation of teaching resources, clear communication, individualized mediation, and collaboration between school professionals and the family. It is observed that challenging behaviors should not be understood in isolation or merely as disciplinary problems, but rather

DOI: 10.47573/aya.5379.3.42.12

considered within their context and in relation to the student's communication, interaction, regulation, and learning needs. It is concluded that inclusive pedagogical practice requires individualized planning, flexibility, professional training, and collaborative work, with the aim of ensuring not only the student's presence at school but also their participation, learning, and development.

Keywords: inclusive education; autism spectrum disorder; pedagogical practices; school inclusion; learning.

INTRODUÇÃO

A educação inclusiva constitui um princípio fundamental para a garantia do direito à educação e para a construção de uma escola que reconheça e valorize a diversidade humana. Nesse contexto, a presença de estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA) nas classes comuns do ensino regular tem ampliado a necessidade de reflexão sobre as práticas pedagógicas, os recursos disponíveis e as condições oferecidas pelas instituições escolares.

A Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012, instituiu a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista e reconheceu a pessoa com TEA como pessoa com deficiência para todos os efeitos legais. A legislação também assegura o acesso à educação e prevê, em casos de comprovada necessidade, o acompanhamento especializado no contexto escolar (Brasil, 2012).

A Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência, Lei nº 13.146/2015, estabelece que a educação é direito da pessoa com deficiência e determina a garantia de um sistema educacional inclusivo, com condições de acesso, permanência, participação e aprendizagem (Brasil, 2015).

Apesar dos avanços legais, a inclusão escolar ainda apresenta desafios concretos no cotidiano das escolas. Entre esses desafios estão a necessidade de adaptação das atividades, a organização da rotina, a comunicação com o estudante, a formação dos profissionais e o acompanhamento de situações em que o estudante apresenta comportamentos que podem dificultar sua participação.

No caso do estudante com TEA nível de suporte 2, podem existir necessidades mais significativas de apoio nas atividades de comunicação, interação social, autonomia e organização da rotina. É importante, entretanto, evitar uma compreensão limitada do estudante a partir de seu diagnóstico ou de determinados comportamentos. A prática pedagógica deve considerar suas potencialidades, interesses, formas de comunicação, necessidades específicas e possibilidades de aprendizagem.

Nesse sentido, este estudo parte da experiência pedagógica com um estudante com TEA nível de suporte 2 que apresenta episódios de comportamentos desafiadores no ambiente escolar. O estudo busca refletir sobre as estratégias utilizadas para favorecer sua participação nas atividades, sua aprendizagem e sua permanência no espaço escolar de maneira mais autônoma e inclusiva.

Diante desse contexto, estabelece-se como problema de pesquisa a seguinte questão: quais estratégias pedagógicas podem contribuir para favorecer a aprendizagem, a participação e a inclusão escolar de um estudante com Transtorno do Espectro Autista nível de suporte 2 que apresenta comportamentos desafiadores no ambiente escolar?

O objetivo geral consiste em analisar os desafios e as estratégias pedagógicas utilizadas no processo de ensino e inclusão de um estudante com TEA nível de suporte 2, considerando suas necessidades educacionais e manifestações comportamentais no contexto escolar.

Como objetivos específicos, pretende-se identificar as principais dificuldades encontradas no trabalho pedagógico; descrever as estratégias utilizadas para favorecer a participação do estudante; analisar as adaptações realizadas nas atividades e na rotina escolar; identificar estratégias que favoreçam a comunicação e a interação; e refletir sobre a importância do trabalho colaborativo entre professor, profissional de apoio, equipe pedagógica e família.

A relevância desta pesquisa está na possibilidade de contribuir para a reflexão sobre práticas pedagógicas inclusivas, especialmente diante das dificuldades encontradas pelos profissionais no cotidiano escolar. O estudo também busca colaborar para a superação de uma visão centrada exclusivamente nas limitações ou nos comportamentos do estudante, valorizando suas potencialidades e possibilidades de aprendizagem.

REFERENCIAL TEÓRICO

Educação Inclusiva e Direito à Escolarização

A educação inclusiva pressupõe o reconhecimento de que todos os estudantes possuem direito à educação e devem encontrar na escola condições que possibilitem sua participação e aprendizagem. (Brasil, 1988; Brasil, 2015).

A Lei Brasileira de Inclusão determina que a educação deve assegurar condições de acesso, permanência, participação e aprendizagem. Nesse sentido, estabelece: “A educação constitui direito da pessoa com deficiência, assegurado sistema educacional inclusivo em todos os níveis e aprendizado ao longo de toda a vida” (Brasil, 2015, art. 27).

A perspectiva inclusiva modifica a compreensão tradicional de que o estudante deve simplesmente adaptar-se à escola. Nessa perspectiva, a instituição também precisa identificar barreiras e desenvolver estratégias que possibilitem a participação dos diferentes sujeitos (Brasil, 2015).

No caso do estudante com TEA, essa concepção exige que professores e equipes pedagógicas considerem suas características individuais e desenvolvam estratégias que possibilitem sua participação nas atividades curriculares.

A educação inclusiva, portanto, não pode ser compreendida somente como a garantia de matrícula. É necessário assegurar condições concretas para que o

estudante participe das experiências escolares, estabeleça relações, desenvolva habilidades e tenha acesso ao conhecimento.

Transtorno do Espectro Autista e Contexto Escolar

A Lei nº 12.764/2012 caracteriza o TEA a partir de aspectos relacionados à comunicação e interação social e de padrões restritivos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades (Brasil, 2012, art. 1º).

No contexto escolar, essas características podem estar associadas a diferentes necessidades educacionais. Alguns estudantes podem apresentar dificuldades para compreender mudanças na rotina, interpretar instruções, interagir socialmente ou comunicar desconfortos e necessidades. Dessa maneira, o planejamento pedagógico deve considerar estratégias que favoreçam a compreensão das atividades e proporcionem maior previsibilidade ao estudante. Recursos visuais, instruções objetivas, organização das tarefas em pequenas etapas, antecipação de mudanças e adaptação dos materiais podem contribuir para tornar o ambiente escolar mais acessível (Weizenmann; Pezzi; Zanon, 2020; Alonso; Souza, 2026).

É importante ressaltar que não existe uma estratégia única que possa ser aplicada indistintamente a todos os estudantes com TEA. As práticas pedagógicas precisam ser planejadas a partir das características e necessidades individuais de cada estudante (Alonso; Souza, 2026).

Comportamentos Desafiadores no Ambiente Escolar

Um dos aspectos que pode tornar o trabalho pedagógico mais complexo é a ocorrência de comportamentos considerados desafiadores, como gritos, agressões, fuga de atividades, resistência a determinadas propostas ou dificuldade de permanecer em determinados ambientes.

Entretanto, considerar essas manifestações somente como indisciplina pode limitar a compreensão do que está acontecendo. É necessário observar o contexto em que o comportamento ocorre e quais fatores podem estar relacionados à sua manifestação (Weizenmann; Pezzi; Zanon, 2020).

Uma situação de crise pode estar relacionada, por exemplo, a dificuldades de comunicação, excesso de estímulos, mudanças inesperadas na rotina, frustração, dificuldade de compreender uma solicitação ou excesso de demandas.

Nesse sentido, a intervenção pedagógica deve priorizar a prevenção, a organização do ambiente, a comunicação acessível e o reconhecimento dos sinais apresentados pelo estudante (Brasil, 2026a; Alonso; Souza, 2026).

O objetivo não deve ser simplesmente impedir determinado comportamento, mas compreender o contexto em que ele ocorre e oferecer alternativas de comunicação e participação.

Planejamento Pedagógico Individualizado

O planejamento individualizado constitui importante instrumento para a construção de práticas inclusivas. Ele permite que a equipe escolar estabeleça objetivos pedagógicos considerando as características, necessidades e potencialidades do estudante (Brasil, 2026b).

O planejamento individualizado não significa retirar o estudante do currículo comum, mas criar caminhos acessíveis para que ele possa participar das experiências curriculares (Brasil, 2015; Brasil, 2026b).

As adaptações podem envolver recursos visuais, materiais concretos, redução da quantidade de estímulos, divisão das tarefas em etapas menores, ampliação do tempo para realização das atividades e diferentes formas de demonstrar o que foi aprendido (Alonso; Souza, 2026; Brasil, 2026b).

Dessa forma, o planejamento deve ser compreendido como processo contínuo. A equipe escolar precisa observar as respostas do estudante às estratégias utilizadas e realizar alterações sempre que necessário (Brasil, 2026b).

METODOLOGIA

A presente pesquisa caracteriza-se como qualitativa, de natureza descritiva, desenvolvida por meio de estudo de caso e relato de experiência pedagógica.

A abordagem qualitativa mostra-se adequada porque o objetivo da pesquisa não é quantificar o comportamento do estudante, mas compreender o processo pedagógico, as estratégias utilizadas e as mudanças observadas durante o acompanhamento escolar.

O estudo foi realizado no contexto de uma instituição de ensino regular, tendo como foco o acompanhamento pedagógico de um estudante com Transtorno do Espectro Autista nível de suporte 2.

Para preservar sua identidade e garantir os princípios éticos da pesquisa, não serão apresentados seu nome, endereço, fotografia, idade exata, turma ou outras informações que possibilitem sua identificação.

Os dados foram obtidos por meio de observações realizadas no cotidiano escolar, registros pedagógicos, planejamento das atividades, acompanhamento da participação do estudante e análise das estratégias utilizadas durante as situações de ensino e aprendizagem.

Foram observados aspectos relacionados à participação nas atividades, interação com professores e colegas, comunicação, aceitação das propostas pedagógicas, organização da rotina e ocorrência de situações de crise ou comportamentos desafiadores.

A análise foi realizada de maneira descritiva e interpretativa, buscando relacionar as observações da prática pedagógica aos princípios da educação inclusiva e às discussões presentes na literatura sobre escolarização de estudantes com TEA.

Ressalta-se que o comportamento do estudante não foi analisado com finalidade diagnóstica ou terapêutica. A pesquisa concentra-se exclusivamente na dimensão educacional e pedagógica da experiência.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise da experiência pedagógica evidencia que o trabalho com o estudante com TEA nível de suporte 2 exige planejamento, observação e flexibilidade por parte dos profissionais envolvidos.

Durante o acompanhamento, observou-se que algumas situações apresentavam maior dificuldade de participação do estudante, principalmente quando havia mudanças na rotina, atividades pouco estruturadas ou demandas que não estavam suficientemente claras.

A organização antecipada da rotina contribuiu para uma maior compreensão das atividades propostas. A apresentação das tarefas em etapas menores também possibilitou ao estudante compreender melhor o que deveria realizar. (Brasil, 2026b).

Outra estratégia utilizada foi a comunicação mais objetiva. Em vez de apresentar instruções longas, procurou-se utilizar frases curtas, comandos claros e, sempre que necessário, apoio visual (Alonso; Souza, 2026).

Os recursos visuais mostraram-se importantes principalmente nas situações em que era necessário antecipar mudanças na rotina. A previsibilidade contribuiu para reduzir situações de resistência diante de alterações previamente anunciadas (Alonso; Souza, 2026).

Também foi importante adaptar as atividades pedagógicas sem retirar do estudante a possibilidade de acesso ao conteúdo trabalhado pela turma. Em algumas situações, foi necessário reduzir a quantidade de exercícios, modificar a apresentação do material ou utilizar recursos concretos (Brasil, 2015; Alonso; Souza, 2026).

Essas adaptações demonstram que inclusão não significa necessariamente oferecer uma atividade completamente diferente em todos os momentos, mas identificar quais barreiras impedem a participação do estudante e buscar formas de eliminá-las.

Em relação aos comportamentos desafiadores, observou-se a necessidade de evitar intervenções baseadas exclusivamente em repreensões. A análise do contexto permitiu perceber que determinadas manifestações estavam associadas a situações específicas, como mudança inesperada, frustração diante de uma tarefa ou dificuldade de comunicação.

A partir disso, buscou-se antecipar situações potencialmente difíceis, oferecer alternativas e permitir momentos de reorganização antes da retomada da atividade.

Outro aspecto relevante foi a atuação conjunta entre os profissionais. O trabalho pedagógico mostrou-se mais efetivo quando professor, profissional de apoio, coordenação pedagógica e família compartilharam informações sobre as necessidades e os avanços do estudante (Brasil, 2026b).

A experiência também evidencia que o professor precisa assumir uma postura investigativa. Ao observar o estudante, registrar situações e analisar as respostas às diferentes estratégias, torna-se possível identificar quais práticas favorecem maior participação.

A formação continuada dos profissionais constitui outro elemento fundamental. Não basta responsabilizar o professor pela inclusão; é necessário oferecer conhecimentos, recursos, acompanhamento pedagógico e condições adequadas de trabalho (Weizenmann; Pezzi; Zanon, 2020; Brasil, 2026b).

Os resultados desta experiência indicam, portanto, que as estratégias mais importantes não estão relacionadas a uma única técnica, mas a um conjunto de ações articuladas: conhecer o estudante, organizar a rotina, antecipar mudanças, adaptar materiais, utilizar comunicação acessível, observar o contexto das situações de crise, valorizar as potencialidades e trabalhar de maneira colaborativa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teve como objetivo analisar os desafios e as estratégias pedagógicas utilizadas no processo de inclusão de um estudante com Transtorno do Espectro Autista nível de suporte 2, considerando suas necessidades educacionais e manifestações comportamentais no ambiente escolar.

A experiência analisada permite concluir que o processo de inclusão exige muito mais do que a presença física do estudante na sala de aula. É necessário garantir condições para que ele participe das atividades, desenvolva suas habilidades, tenha acesso ao currículo e estabeleça relações com os demais integrantes da comunidade escolar.

As estratégias utilizadas demonstraram que a organização da rotina, a antecipação das atividades, a comunicação objetiva, os recursos visuais, a adaptação dos materiais e o planejamento individualizado podem favorecer a participação e a aprendizagem do estudante (Alonso; Souza, 2026; Brasil, 2026b).

Também foi possível perceber que os comportamentos desafiadores precisam ser compreendidos dentro do contexto em que ocorrem. Em vez de considerar o comportamento apenas como um problema disciplinar, é necessário investigar suas possíveis relações com comunicação, mudanças na rotina, demandas pedagógicas, estímulos ambientais e dificuldades de autorregulação.

Outro resultado importante refere-se à necessidade do trabalho colaborativo. A inclusão não deve depender exclusivamente da iniciativa individual de um professor. Ela requer participação da equipe pedagógica, professores, profissionais de apoio, família e demais integrantes da comunidade escolar (Brasil, 2026b).

Conclui-se, portanto, que o trabalho pedagógico com estudantes com TEA nível de suporte 2 deve ser fundamentado no respeito à individualidade, na valorização das potencialidades e na construção de estratégias que reduzam as barreiras à aprendizagem e à participação.

Por fim, destaca-se que este estudo não pretende apresentar uma estratégia única ou universal para estudantes com TEA. Cada estudante possui características e necessidades próprias. As estratégias precisam ser continuamente avaliadas, adaptadas e discutidas pela equipe escolar, tendo como finalidade garantir uma educação de qualidade, inclusiva e comprometida com o desenvolvimento integral do estudante.

REFERÊNCIAS

ALONSO, Shirley Aline do Nascimento; SOUZA, Jacqueline Lidiane de. P**ráticas inclusivas com Tecnologias Assistivas e DUA na inclusão de estudantes autistas: uma revisão sistemática.** Educação & Formação, Fortaleza, v. 11, e16175, 2026. DOI: https://doi.org/10.25053/redufor.v11.e16175. Disponível em: https://revistas.uece.br/index.php/redufor/article/view/16175. Acesso em: 5 nov. 2026.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988.** Brasília, DF: Presidência da República, 1988. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 5 nov. 2026.

BRASIL. **Decreto nº 12.686, de 20 de outubro de 2025**. Institui a Política Nacional de Educação Especial Inclusiva e a Rede Nacional de Educação Especial Inclusiva. Brasília, DF: Presidência da República, 2025. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2023-2026/2025/decreto/d12686.htm. Acesso em: 5 nov. 2026.

BRASIL. **Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012.** Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista. Brasília, DF: Presidência da República, 2012. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12764.htm. Acesso em: 5 nov. 2026.

BRASIL. **Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015.** Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Brasília, DF: Presidência da República, 2015. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm. Acesso em: 5 nov. 2026.

BRASIL. Ministério da Educação. **MEC lança cadernos pedagógicos para a educação especial.** Brasília, DF: Ministério da Educação, 2026b. Disponível em: https://www.gov.br/mec/pt-br/assuntos/noticias/2026/julho/mec-lanca-cadernos-pedagogicos-para-a-educacao-especial. Acesso em: 5 nov. 2026.

BRASIL. Ministério da Educação. **Portaria MEC nº 421, de 15 de maio de 2026.** Dispõe sobre a Política Nacional de Educação Especial Inclusiva e sobre a Rede Nacional de Educação Especial Inclusiva. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2026a. Disponível em: https://mecnormas.mec.gov.br/pesquisa/detalhar/11240. Acesso em: 5 nov. 2026.

WEIZENMANN, Luana Stela; PEZZI, Fernanda Aparecida Szareski; ZANON, Regina Basso. **Inclusão escolar e autismo: sentimentos e práticas docentes.** Psicologia Escolar e Educacional, v. 24, e217841, 2020. DOI: https://doi.org/10.1590/2175-35392020217841. Disponível em: https://www.scielo.br/j/pee/a/NwnK5kF4zM9m9XRynr53nwF/. Acesso em: 5 nov. 2026.